

# Pólo I: a estréia

Lançado com toda a pompa e circunstância o *Pólo de Cinema* quer Brasília em projeção nacional

GERALDINHO VIEIRA  
Editor do Caderno 2

Ninguém da equipe do GDF parecia preocupado ontem com o atraso do governador Joaquim Roriz: a solenidade de assinatura de decretos e mensagens à Câmara Legislativa oficializando o *Pólo de Cinema e Vídeo* (leia página 3) não começou às 11h00 como estava cabalisticamente previsto. Os astros e os bruxos pediram dia 11 às 11h00, mas o governador chegou ao Clube dos Servidores Cívicos (Lago Norte) somente ao meio-dia. Com ele, Márcio Cotrim (o secretário), José Roberto Arruda (o chefe do Gabinete Civil), Márcia Kubitschek (a vice-governadora), Paulo Octávio (o empresário) e Ronaldo Monte Rosa (o presidente da Embratur, representando o presidente Collor, entre as principais autoridades.

No time de artistas — entre atores, diretores e produtores de cinema — todos os nomes possíveis do cinema nacional, de Cássia Kiss e Lúcia Veríssimo (as mais requisitadas pela imprensa e pelos fãs), até os maiores diretores do País: sempre mais anônimos, de Júlio Bressane a Walter Lima Jr. e Eduardo Coutinho. Os televisivos, como Hugo Carvana e Tizuka Yamazaki, não precisam do cinema para serem notados. Batendo o ponto na história do *Pólo de Cinema* desde que nele se pensou, e sempre muito sorridente, Ana Maria Magalhães já se comportando como "brasiliense". Mas como mãe de peixe grande, peixe grande é, a presença de maior destaque foi Lúcia Rocha — mãe de Glauber. Sua filha, Paloma, estava mais preocupada com o cardápio do "buffet" que viria depois: ela é vegetariana com todos os dentes.

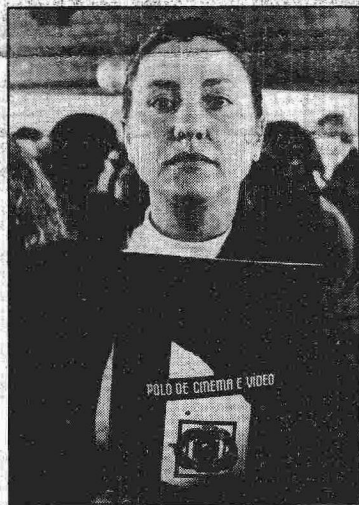
Antes de Joaquim Roriz chegar ao clube, que a partir de ontem é sede provisória do *Pólo*, um grupo do barulho entrou pelo salão com faixas e malabarismo do palhaço Pirulito. No meio do barulho, gente do governo e cineastas (também do governo?) não tardaram a reclamar: "O *Pólo* nem começou e já existe gente contra?". Pura paranóia: o grupo pleiteava que o *Pólo* tivesse sua sede no Gama e não em Sobradinho ou Planaltina como se prevê. Daí por diante os "arruaceiros" passaram a ser tratados como convidados de honra — de honra e alívio — do governo.

Durante a série de discursos — falaram o governador, José Roberto Arruda, Neville D'Almeida e Geraldo Moraes —, os convidados (cerca de 300 pessoas) dividiam-se entre alguma atenção dada às falas e às habituais focos cinematográficos dos bastidores (leia os flashes desta edição), como aquela do cineasta Antônio Carlos Fontoura que revelava a uma atriz da cidade preocupada com nossa crise de roteiro para cinema: "Nossa literatura é muito dispersa, agora só leio os norte-americanos". Ou ainda os olhares curiosos e os comentários maldosos sobre a moça que foi à solenidade fantasiada de "administração transparente", mostrando todas as contas e não economizando recursos, como se já estivesse pronta para filmar.

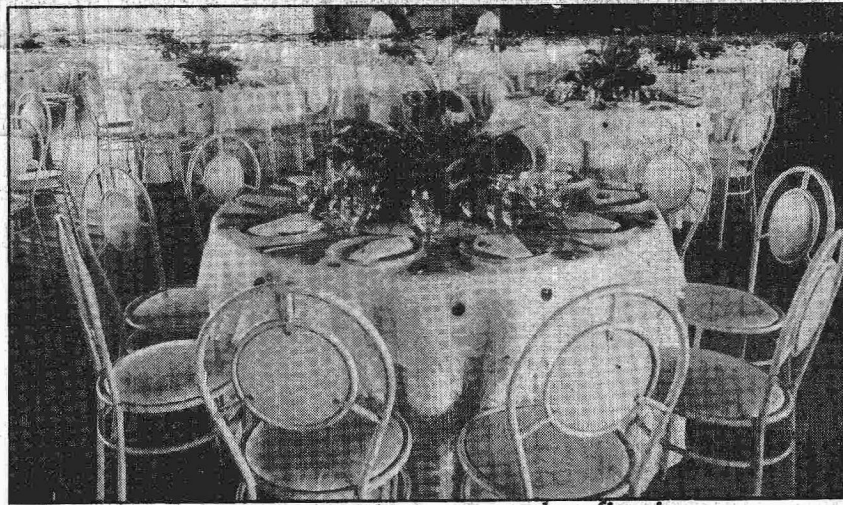
Entre os discursos dos cineastas, Neville D'Almeida — que já tem projeto de filmagem para apresentar ao *Pólo*, cujo título provisório é *O Testamento da Rainha Loura* — enfatizou que os Estados Unidos, o Canadá, a França e quase todos os países de cinematografia forte tiveram decisivo apoio ao Estado. O brasiliense Geraldo Moraes, por sua vez, apontou que pela primeira vez os papéis não eram os habituais: nem o Estado estava oferecendo mecenagem e nem os artistas estavam mendigando. Que ambos os lados procuraram juntos o caminho de desenvolvimento da arte a partir de um processo de consciência das necessidades sociais. Mas colocou uma questão que está bem longe



O palhaço Pirulito animou as reivindicações do Gama e acabou posando entre as autoridades



Kiss: dinheiro pro cinema



O banquete do cinema: cenário como manda o figurino



Ana Magalhães e L. Veríssimo



Carvana: reino por cerveja



Neville e Dona Lúcia

da retórica: "Estamos falando muito em infra-estrutura para a produção, mas todos os planos do passado foram demolidos pela falta de trabalho na área de distribuição do produto cinematográfico". Geraldo Moraes (de *A Difícil Viagem* e *O Círculo de Fogo*) participa da Comissão do *Pólo de Cinema*, criada pelo Conselho de Cultura do DF, que já na noite de ontem reunia-se (pela segunda vez) para analisar os documentos assinados pela manhã.

**Vocação candanga** — Pode não ser um mecenas, mas Roriz é hoje o homem forte do cinema brasileiro enquanto a política cultural do ex-governador Orestes Quêrcia mantém-se presa a São Paulo. O tempo dirá, entretanto, se tanta festa e o prestígio de tantos cineastas sobreviverão se o governador não quiser ser, de fato, o mecenas. E, antes disso, se governo e artistas estão mesmo dispostos a mudar o enquadramento de suas relações. O lançamento do *Pólo* será uma boa oportunidade para termos a resposta. Por enquanto, o que se viu ontem foi a acolhida eufórica do projeto por parte dos artistas e produtores, mesmo

que alguns deles, como a atriz Cássia Kiss, dissesse: "Não sei o que é o *Pólo*, mas quando disseram que era grana pro cinema vim correndo".

O discurso do governador Joaquim Roriz, entretanto, remete a possibilidades menos óbvias. Roriz citou JK para dizer que Brasília deve ser pólo de desenvolvimento e integração nacionais e propôs o Centro-Oeste como a grande opção de desenvolvimento. Repeliu os erros do passado e apontou como consequências as metrópoles inchadas. O governador, mais uma vez, fez questão de ligar a ideia do *Pólo* (como indústria não poluente) à necessidade de criação de frente de trabalho para os miseráveis que vieram para Brasília e que Roriz tirou das pontes e viadutos para criar o mais ousado, volumoso e discutido plano de assentamento do País. No discurso, o governador falou menos em dar dinheiro ao cinema e mais em criar estrutura de apoio social aos rejeitados sociais: "Se em cada grande cidade as elites abrirem mão de um pedaço de chão para construir assentamentos como os que estamos implantando... poderemos ter uma sociedade mais justa".

Sobre o *Pólo*, no contexto de seu

projeto político, Roriz foi enfático: "A vocação dessa cidade exige a implantação de uma indústria inteligente, a que gera empregos, gera recursos, dá retorno econômico, não polui — preserva, portanto, o meio ambiente — o que para nós é uma obsessão".

O governador agradeceu ao senador Darcy Ribeiro, que projetou para a UnB o primeiro curso de Cinema do Brasil; a Nelson Pereira dos Santos, Fernando Duarte e Vladimir Carvalho; que tocaram o projeto na UnB e agora o retomam. Por fim, agradeceu a presença de Lúcia Rocha, mãe de Glauber.

Com quase toda a bancada distrital presente à solenidade, e com todos os partidos representados (inclusive panfletando suas atividades apesar da inconveniência da circunstância), houve aprovação simbólica do projeto, que será oficialmente votado pela Câmara.

O cineasta Júlio Bressane (de *Matou a Família e Foi ao Cinema* e *Os Sermões*, entre outros tantos) deu a melhor definição da solenidade: "Já vi o cinema brasileiro ser expulso muitas vezes e de muitos lugares. Hoje ele foi convidado a entrar".

## Quadro a Quadro

**Dona Lúcia Rocha** — Foi a musa inspiradora das raras palmas na solenidade. A mãe de Glauber demonstrava a todo instante que já está no limite com autoridades e promessas. A situação do *Templo Glauber* ainda é um belo espaço "um lindo casarão de histórias", como ela diz. Porém, dona Lúcia está angustiada por ser a guardiã de uma obra que segundo ela "não está morta nem é uma coisa de mãe. Glauber está presente e sua atualidade, hoje, ainda é capaz de comover". Ela responde a processos (três) na Justiça do trabalho por problemas com os únicos ex-funcionários da Casa. Dona Lúcia pretende que as futuras produções (envolvendo indiretamente algum tipo de uso da obra de Glauber) destine um percentual para a Casa. Para o *Pólo de Brasília* ela coloca sua fé (com as ressalvas de quem peregrina pelos gabinetes) e desejaria ver o trabalho contemplado "pela dimensão nacional da capital do país e pelo amor que Glauber tinha pela cidade, tendo aqui muitos amigos". Dona Lúcia vai hoje ao ministro Márcio Marques tentar desbloquear o único financiamento que a Casa recebeu em toda sua história, dado pelo governo Sarney. É o próprio confisco do gênio.

**Silvio Back** — "Brasília acertou o passo com a modernidade. Este fato de se criar um pólo de cinema que casa o dinheiro público com o da iniciativa privada é ótimo para o cinema. Sem dúvidas essa ideia vai frutificar em outros Estados. O único êxito do governo Collor, até agora, nesses 14 meses, foi acabar com a Cultura, cortá-la cirurgicamente. Nesse momento um Governo Estadual abrir uma porta como essa devolve o caráter ao cineasta. O que mais me agrada nisso é que Brasília está saindo na frente, junto com os países desenvolvidos. Lá fora o Estado subsidia as duas pontas de uma sociedade: a agricultura, que é o estômago, e a cultura, que é o espírito".

**Hugo Carvana** — "Na minha opinião não é difícil tirar a Capital do Cinema do eixo Rio-São Paulo e trazê-la para cá. Mas é claro que ninguém vai tirar do Rio a imagem de capital cultural, a condição de vitrine. Mas este pólo é importante para a descentralização. A condição de capital quem cria é o segmento. O importante deste projeto é a sua regulamentação como lei. Já vi muita coisa sendo criada no cinema brasileiro e por isso espero que este projeto dê certo".

**Denise Milfont** — "Nessa altura do campeonato eu espero que qualquer coisa em relação à arte dê resultado. Este pólo é como um pontinho no final do túnel, ainda não é a luz. É bom lembrar que em nenhum país do mundo, nem no chamado primeiro, se vive sem cultura. A cultura faz as coisas fervilarem".

**Ronaldo Duque** — (Proprietário da Provedora Cinema e televisão Ltda). Sempre vinculei minha posição a uma proposta inicial da necessidade de formação de mão-de-obra especializada.

A carência de técnicos em cinema e vídeo na cidade é enorme e só será sanada através de uma escola técnica para formação de nível médio. A universidade forma cineastas, diretores, estudiosos de cinema, gente de nível superior, mas não forma eletricitistas, operadores de som, cenógrafos.

**Márcio Curl** (presidente da Associação Brasileira de Documentaristas/DF): "É inegável que a ideia de um Pólo de Cinema e Vídeo é uma coisa pela qual a gente vem lutando há muito tempo e, de forma organizada, desde 1978, com a criação da ABD/DF. Mas, até agora, ninguém do Governo ou do Pólo disse claramente que haverá esforço prioritário para a conclusão de filmes ainda não terminados em Brasília, por falta de recursos. Afinal, os recursos para o Pólo virão dos contribuintes do Distrito Federal. Não queremos a distribuição indiscriminada para os filmes de Brasília, mas achamos que deve haver um tratamento prioritário. É interessante que o Pólo também possa realizar ideias de gente de fora da cidade, desde que tragam alguma coisa para a cidade".

**Júlio Bressane** — Com seu jeito deslocado dentro de solenidades, rogava aos céus para que o Pólo não fosse "só palavras". Lembrando que a bandeira da cidade tem em seu brasão a expressão *Venturis Ventis*

(Aos Ventos do Futuro), mais uma vez implorava aos deuses para que a coisa não ficasse "no ar". Julinho vai trazer para o Festival de Brasília seu vídeo de 46 minutos sobre *Fragmentos da Galáxia* de Haroldo de Campos. Haroldo participa em leituras com as atrizes Julia Gam e Bete Coelho. O vídeo, *A Galáxia Albina*, tem uma legião de personagens incorporados nos trechos básicos da obra e a cena mais forte é quando uma possessão poética se reflete em uma banheira tingida pelo sangue da "menstruação poética". O próprio rito da fertilidade, Haroldo de Campos e as atrizes devem acompanhar o trabalho no festival.

**Tizuka Yamazaki** — A cineasta confidenciou, rindo, que o filme que mais lhe rendeu dinheiro em sua carreira foi *Lua de Cristal* com a Xuxa. "Quatro milhões e meio de espectadores". Sobre a criação do Pólo disse: "Está havendo falta de discussão sobre o cinema brasileiro, ele saiu dos jornais. O Pólo pode ser uma retomada dessa discussão, recuperando a importância do debate sobre o cinema".

**Neville D'Almeida** — O cineasta despertou muita atenção pelo fato de estar em cadeira de rodas: "Tive uma queda em minha casa, quando pensava num filme (*O Testamento da Rainha Loura*, cujo projeto ele trouxe para apresentar ao Pólo), desloquei a coluna em duas partes. Nasci de novo! Tenho que ficar 60 dias com um colete especial e depois passo para a fisioterapia. Meu repouso me obriga a ficar dez horas deitado, mas até o final do ano estarei bom. Não poderia deixar de vir, esse Pólo é importantíssimo para o cinema brasileiro".

**Alejandro Pelayo** — Cineasta mexicano (*Dias Difíceis* e *Morrendo no Golfo*): "Não há como fazer cinema de qualidade sem recursos. Os cineastas nacionais, aqui e no México, enfrentam uma luta desigual com os concorrentes internacionais. Por isso há a necessidade de apoio do Governo. Esse Pólo me parece um núcleo importante para gerar um novo movimento do cinema brasileiro, que deixou de existir nos últimos anos. Tanto o cinema brasileiro quanto o mexicano não podem desaparecer, porque senão morrem nossas culturas. Esse Pólo é o primeiro passo para a descentralização do Rio e São Paulo. Viemos aqui para dizer que somos latino-americanos, minha geração se formou juntamente com Glauber Rocha e Ruy Guerra, sou do período do Cinema Novo e queremos testemunhar o renascimento do cinema brasileiro, ver essa semente. Espero que a partir desse Pólo os brasileiros possam ter acesso ao cinema mexicano e vice-versa".

A atriz Arcelia Ramirez (*El Secreto de Romelia* e *A Mulher de Benjamin*) acompanhava Alejandro e esperava que o pólo "não apenas produzisse mas tivesse um projeto de distribuição e promoção de filmes".

**Canapés** — Durante o coquetel, que se seguiu de um almoço, foram servidos canapés de salmão e alcaparras. As bebidas: Johnnie Walker e vinho branco nacional.

**Figurino** — No buffet, as mesas cobertas de toalhas de matelassê foram recobertas com toalhas de organza, mesmo tecido dos guardanapos. No menu: filé ao molho madeira; lombo com aipo; enroladinho de frango e maçã e panquecas recheadas de espinafre. Como manda toda "festa de Babette" que se preze, no final foram servidos, após o cafezinho, licores italianos variados.

**Tiete** — Ana Maria Magalhães era quem puxava as palmas, durante o discurso do governador Roriz.

**Louríssima** — Enquanto os discursos não começavam e nada era servido, o ator e diretor Hugo Carvana soltava mais uma de suas máximas: "Meu reino por uma cerveja".

**Casa cheia** — Era tanta gente, que o governador Roriz gastou cinco minutos só para nominar os presentes. A seguir o governador iniciou uma longa enumeração genérica dos profissionais envolvidos no fazer cinematográfico. Só faltou terminar com "enfim, a todos os espectadores de cinema aqui presentes".

Participaram da cobertura: Tete Catalão, Rodrigo Leitão e Marco Túlio Alencar